

Unicamp inaugura primeiro laboratório de pele no Estado

Pesquisa que pode ajudar no tratamento de vitiligo incentivou a criação do local

CAMPINAS – Os resultados de pesquisa, iniciada há quatro anos, sobre cultura de pele para restauração de lesões de vitiligo, acabaram dando origem ao novo Laboratório de Cultura de Células de Pele e Epiderme Reconstituída da Unicamp, que será inaugurado amanhã. A unidade é a primeira do gênero no Estado, com a coordenação da médica Maria Beatriz Puzzi.

A equipe, composta por quatro pesquisadoras, conseguiu cultivar células de pigmentação da pele (melanócitos) e células-mãe (queratinócitos), que dão origem à formação de outras camadas da epiderme. Daí evoluíram para a reconstrução da epiderme – um processo que pode ajudar, tanto no tratamento de queimaduras, lesões de grandes áreas da pele, reparação de cicatrizes e ulcerações, como em testes de remédios.

Os melanócitos cultivados são usados no tratamento de le-

sões de vitiligo, doença que atinge 1% da população mundial e se manifesta como manchas brancas na pele. “Fazemos uma bolha com nitrogênio líquido, no meio da lesão, e ali injetamos as células cultivadas, que gradualmente se espalham, pigmentando novamente a pele”, explica Maria Beatriz. A repigmentação ocorre também nas lesões próximas àquela que foi tratada, com um índice de sucesso de 70%. O tratamento só não funciona para estágios muito avançados, em que grandes extensões de pele já se encontram despigmentadas.

Os queratinócitos são usados como enxertos em ulcerações, sobretudo do tipo provocado nas pernas. Este projeto é mais recente e ainda deverá se desenvolver por mais dois anos, até apresentar resultados consistentes. Paralelamente, a equipe desenvolve a pesquisa com epiderme reconstituída. “Estamos trabalhando para constituir um banco de pele.” O banco será vinculado ao Banco de Tecidos, que está sendo criado na Unicamp. A expectativa é de que esteja funcionando dentro de um ano. **(Liana John)**